



GUAIRACÁ REVISTA DE FILOSOFIA

OS FATORES FUNDAMENTAIS QUE MOLDAM A IDENTIDADE PESSOAL EM SEU DUPLO MOVIMENTO: PERSISTÊNCIA E TRANSFORMAÇÕES DE EXPERIÊNCIAS

Emilio Romero¹

Resumo: Este artigo discute os fatores fundamentais que moldam a identidade pessoal em seu duplo movimento, a saber: a persistência e a transformação de experiências. Em vista disso, apresenta primeiramente o conceito de personalidade a partir das manifestações mais complexas e programadas às mais peculiares concernentes à identidade pessoal. Em seguida, apresenta os vetores e fatores da personalidade, assim como a mudança e os seus efeitos na identidade pessoal, em especial os aspectos de ruptura e de continuidade previsível e imprevisível presentes nesta. Enfim, o artigo apresenta em detalhe os fundamentos da identidade pessoal.

Palavras-Chave: Personalidade. Identidade pessoal. Corpo. Distúrbios psicossomáticos.

1 Escritor; psicólogo clínico; membro da ALPE – Brasil e presidente de honra da ALPE – Asociación Latinoamericana de Psicoterapia Existencial. Formado pela U. do Chile em 1970, título revalidado pela USP em 1978. É terapeuta há mais 40 anos e autor de mais de 21 livros sobre temas de psicologia, dentre eles: *O inquilino do imaginário* (Lemos, 1997) e *Neogênese: O desenvolvimento pessoal mediante a psicoterapia* (Della Bidia Editora, 2011). Foi professor de Psicopatologia e desenvolvimento na Universidade Franciscana de São Paulo. E-mail: emiliorom@terra.com.br

Abstract: This article discusses the fundamental factors that shape personal identity in its double movement, namely: the persistence and transformation of experiences. In view of this, it first presents the concept of personality from the most complex and programmed to the most peculiar manifestations concerning personal identity. It then presents the vectors and factors of personality, as well as change and its effects on personal identity, in particular the aspects of rupture and predictable and unpredictable continuity present in this. Finally, the article presents in detail the foundations of personal identity.

Keywords: Personality. Personal identity. Body. Psychosomatic disorders.

1. UMA QUESTÃO PRELIMINAR ESSENCIAL

Nossa vida está feita de um amontoado de erros que consideramos como os mais adequados para dar conta de nosso papel social.

A questão da identidade pessoal é um tema central tanto da psicologia quanto da filosofia. Embora este artigo aborde o tema a partir da psicologia, especialmente como um aspecto central de uma teoria da personalidade, é necessário enfatizar que a questão da identidade pessoal – entendida como uma mesma e permanente, ou meramente persistente, em um indivíduo – está ligada a seus opostos, o diferente, o simplesmente temporário, todos envolvidos em um processo de mudança. Por outro lado, a identidade, ao assumir a mesma coisa ao longo do tempo, tende a definir ainda mais o sujeito, a prendê-lo na teia do conceito. Ao defini-lo conceitualmente, tende a ignorar a lei do ser, que é sua evolução, sua constante transformação.

Como veremos de imediato, esta tendência de dar identidade às coisas e às pessoas é uma tendência que encontra fortes raízes na nossa forma de compreender o mundo, fixando-o dentro de certos parâmetros que nos permitem situar-nos num acontecimento que implica mudanças que devem ser avaliados, a fim de poder controlar e dirigir. Isso no plano da práxis. Mas há outro fator que nos leva às definições do que entendemos por realidade. Esse fator é a linguagem.

A linguagem é altamente definidora. As palavras rotulam as coisas, fixando-as numa espécie de essência; isso é especialmente verdadeiro para substantivos e adjetivos. Basta qualificar uma pessoa com algum adjetivo ou substantivo para fixá-lo em uma imagem ou em um conceito permanente. Através da linguagem transformamos o concreto fluido em abstração esquemática: é assim que entramos no plano da representação, da ideia que não temos das coisas. Na linguagem da desqualificação e degradação do outro, essa operação é muito comum, mas também ocorre em um nível cotidiano que dá por certo que as coisas hoje são as mesmas de ontem e que provavelmente serão as mesmas amanhã apenas com leves variações.

Os três níveis da linguagem implicam uma organização das realidades em termos cognitivos. No nível semântico significamos, ou seja, colocamos um signo que nos permite apreender o objeto. No nível sintático estabelecemos uma ordem nos componentes da língua; é a maneira de conectar os elementos do discurso. Em nível pragmático, precisamos respeitar o uso que a comunidade entende como correto ou pelo menos o vernáculo de um determinado idioma.

No entanto, deve-se notar que há um aspecto altamente dinâmico e transformador na linguagem: são as funções verbais que indicam ações, intenções, demandas, desejos; o caráter apofântico da linguagem se dá especialmente no verbo. Lembre-se “no princípio era o verbo”. Isso expressa o peculiar traço criativo da linguagem.

No âmbito humano, a exigência da identidade pessoal e em todas as formas de sociabilidade impõem-se como constantes essenciais para uma boa compreensão das coisas e das relações interpessoais.

Feito este esclarecimento preliminar, entro no tópico.

Como meu tratamento deste assunto surge no contexto de uma teoria da personalidade, capítulo que não desperta grande simpatia em algumas abordagens existenciais, vou dar um conceito geral para melhor organizar minha exposição. Certamente este assunto poderia ser tratado desde outras perspectivas.

2. DAS MANIFESTAÇÕES MAIS COMPLEXAS E PROGRAMADAS ÀS MAIS PECULIARES: O CONCEITO DE PERSONALIDADE

Personalidade é o conjunto de características, organizadas em um todo relativamente estável, mutável, aberto e dinâmico, que configura uma pessoa de forma peculiar e duradoura, desenhando seu modo de ser e sua experiência de mundo – características originadas tanto por fatores biológicos quanto por por fatores psicossociais – ou seja, por sua experiência, sua história pessoal e sua constituição antropológica.

A personalidade é uma totalidade em movimento – uma totalização que se recompõe e se reformula segundo a sua própria programação e de acordo com as vivências da pessoa, as suas possibilidades na sua interação com os outros e as exigências da práxis. É necessário enfatizar que a personalidade é uma organização mutável não só porque é programada por fatores biológicos e condicionamentos psicossociais, mas também muda em um processo constante dependendo das situações e das decisões e projetos idealizados e propostos pela pessoa. Pretendo focar aqui um dos aspectos mais importantes da personalidade e sua expressão no comportamento e nas formas de estar no mundo próprias do ser humano existente. Num livro recente expus as linhas fundamentais de uma concepção de personalidade,

uma das tarefas mais complexas e menos frequentadas pelos psicólogos, em parte pela sua complexidade e em parte por um certo receio de sobrevalorizar o lado constitutivo e constitutivo da personalidade. Ser humano em detrimento de sua liberdade e de suas possibilidades. Na teoria apresentada neste livro, leve em conta tanto o estruturado quanto o configurado, incluindo o programado das mais diversas formas, e o aberto, o indeterminado, o meramente possível.

2.1. OS VETORES E FATORES DA PERSONALIDADE

A tradição nos ofereceu dois conceitos já utilizados pelos gregos e que até hoje circulam no vocabulário de leigos e estudiosos: Temperamento e caráter. Esses dois componentes da personalidade são claramente discerníveis no comportamento da pessoa. O primeiro designa os aspectos biológicos herdados, presentes no início da vida do indivíduo e persistentes nas demais fases. Caráter designa aspectos adquiridos pela pessoa, mutáveis e mais relacionados à configuração do eu. Entendo caráter como as formas características de relacionamento homem-mundo típicas de um indivíduo.

No entanto, estes dois componentes estão longe de explicar a complexidade humana do ponto de vista psicológico. Basta examinar cuidadosamente o que acontece conosco e com os nossos vizinhos para concluir que há muito mais. Vejamos.

- Onde estão os fatores que fornecem orientação vital para o ser humano, como *valores, crenças e projetos*, tão intimamente associados?
- Como se manifestam *as motivações* que estimulam e agitam as pessoas, como são as *necessidades, demandas e interesses*, igualmente relacionadas no mesmo fluxo do vivido?
- E os fatores que dão identidade ao indivíduo, tanto subjetiva quanto socialmente, quais são esses fatores? É notório que somos qualificados e valorizados por traços distintivos que moldam o que somos de forma persistente.
- Por que existem fatores que dão integração à personalidade? Por mínima que seja essa integração, ela está presente. Quais são esses fatores?
- Ademais, como estão os potenciais de possível realização existentes em toda as pessoas? Basta abrir os olhos para observar que as pessoas têm aptidões, que são potenciais inatos, e capacidades, que são adquiridas, ambas estritamente relacionadas.

Como pode ser visto abaixo, aparecem 7 grandes vetores de personalidade, incluindo os dois clássicos, temperamento e caráter. Decidi que a palavra mais adequada para agrupar os fatores claramente associados entre si seria o conceito de vetor. O vetor designa uma força que cumpre duas características: tem uma certa intensidade ou capacidade mobilizadora e tem uma certa direção. Essas duas características correspondem ao movimento da existência e da experiência.

Os vetores representam:

- a) a estrutura básica da personalidade;
- b) a sua forma de organização e mobilização (temperamento, carácter, motivações);
- c) os referenciais que servem de orientação (crenças, valores e projetos),
- d) os fatores desenham a sua identidade e integração, permitindo ao sujeito dar conta efetivamente das suas necessidades e projetos de acordo com;
- e) as suas potencialidades e circunstâncias, conduzindo-o à sua eventual realização – realização sempre provisória e em aberto.

Um vetor reúne o essencial das experiências, do comportamento e da práxis: a ideia de que a experiência e o comportamento apontam para um propósito, têm algum significado e se expressam com certa intensidade ou grau. Cada vetor é caracterizado por sua configuração e função peculiares. Os componentes não param neste ponto. Em cada vetor podemos distinguir determinados fatores que especificam formas específicas, sejam eles tendenciais, energético-expressivos, motivacionais e relacionais, sejam eles orientação, identidade, integração. Em cada vetor existem de 2 a 4 fatores específicos. Tampouco preciso enfatizar que tanto os vetores quanto os fatores mantêm relações de influência e interação mútuas, como ocorre em qualquer totalidade que funcione como um sistema.

O fator é um simples componente do vetor que apresenta algum traço comum com os demais fatores de mesmo teor tendencial. Sustento que a experiência se organiza em termos de vivências, que operam como configurações, mas as configurações tendem a se fechar apenas em casos sintomáticos: nos casos de personalidades sintomáticas – como é o caso dos padrões obsessivos, psicopáticos e outros. Não entendo a subjetividade como algo indeterminável, muito fluido para ser captado em conceitos; ela é parcialmente padronizada e programada. Seu núcleo é o sujeito, ou seja, o eixo central da pessoa, originando-se de uma história altamente configurada e estruturada. Como a própria palavra indica, o sujeito está subjacente e aprisionado numa complexa teia de relações que o condicionam. No entanto, há um elemento que, embora derivado e ligado ao sujeito, mantém uma abertura a todas as possibilidades: é o eu. O eu é uma função, não é algum tipo de entidade intrapsíquica; é função de direção, comando, organização operacional, aberta às demandas do meio e atenta às imposições e programações do sujeito. Apesar das imposições do sujeito e das situações, apesar de sua fragilidade, abre suas asas rumo à liberdade. Sujeito e eu constituímos a subjetividade. O eu tanto pode estar subordinado a esse eixo central quanto se opor e superar suas pressões ou a simples inércia de sua constituição. Um dos aspectos do self é a representação

que a pessoa faz de si mesma. Essa autorrepresentação costuma ser distorcida e inflada, o que acaba gerando algumas dificuldades nas relações interpessoais.

2.2. A MUDANÇA E OS SEUS EFEITOS NA IDENTIDADE PESSOAL – RUPTURA, CONTINUIDADE PREVISÍVEL E IMPREVISÍVEL

A questão da identidade pessoal está ligada ao autorreconhecimento em relação a determinados referenciais que de alguma forma confirmam ou que o indivíduo demonstra ser, seja em seus aspectos positivos ou negativos. A identidade implica a persistência de um substrato que de alguma forma articula o ser da pessoa, conferindo-lhe continuidade temporal, continuidade e persistência não isenta de todas as mudanças, lacunas e rupturas, bastante comuns e esperadas durante os processos de desenvolvimento e desenvolvimento.

Há um sentimento de identidade como sujeito de experiências e eventos pessoais. Esse sentimento é expresso na fórmula simplificada “Sou o mesmo agente e paciente do que me acontece em diferentes momentos e situações”. Esse sentimento nem sempre está presente em relação aos objetos intencionais que o provocam. Ele é despertado, como todos os sentimentos, se o sujeito é questionado de tal forma que tal sentimento emerge. A identidade que temos com a nossa nacionalidade surge sobretudo quando estamos no estrangeiro, o que costuma surpreender-nos porque até então o nosso país pouco importava para nós.

Há um reconhecimento da identidade que reflete o julgamento do outro, do interpessoal; há a identidade de si mesmo como agente e paciente de sua própria história; e há uma autoidentidade primária dada pelo corpo, pela corporeidade tal como é vivida e reconhecida pelos outros. É o mais fácil de reconhecer tanto pelo sujeito quanto pelos outros.

Existe uma gênese da identidade pessoal que surge com o uso de si, o uso da linguagem (o pronome da primeira pessoa, por volta dos 2 anos e pouco), com a resposta ao nome que os outros nos dão e com a imagem refletida no espelho.

3. OS FUNDAMENTOS DA IDENTIDADE PESSOAL

Há uma identidade manifesta, claramente visível, e uma identidade menos visível, latente: bate e palpita, corresponde ao que está subjacente, é o que está subjacente. Como na maioria dos fenômenos psicológicos, há o observável explícito e o implícito, o que requer a análise ou observação mais cuidadosa.

Tanto para o fenômeno da identificação como para a mudança neste plano, o inscrito e o subscrito apresentam-se em diferentes níveis de expressão. mudanças que ocorrem em nosso comportamento e em nossa maneira de vivenciar as relações que mantemos em diferentes níveis. Estamos simplesmente vivendo-os.

O fenômeno da identidade ocorre em um duplo movimento. Gradualmente nos identificamos com as pessoas e objetos do mundo. Este é um movimento de aceitação e mesmo de absorção ou assimilação da entidade que nos convida ou se impõe. Raramente percebemos até que ponto o apelo das entidades nos é imposto e nos define no seu convite. De forma simples dizemos “eu gosto de fulano”, “meu reino preferido é a música barroca dos italianos, ou jazz”.

Outro movimento vem do julgamento dos outros. Aquele outro que nos qualifica e classifica, que nos acolhe com boa vontade ou nos olha com reserva, desconfiança e até rejeição. De qualquer forma, isso nos define. Essa qualificação do outro tende a prevalecer como a verdade do nosso ser, seja ela negativa ou positiva, tanto quanto a nossa permeabilidade e obediência acrítica ao seu julgamento. Por esta razão, há períodos em que estamos muito vulneráveis ao julgamento dos outros.

Em palavras simples, identificar é estar em conexão, sentir-se pertencente a algo, ser igual ao outro (= idem); é entender que na minha peculiaridade está a alteridade do próximo e até a substância da coisa, da objetividade.

Estamos em constante mudança em todos os aspectos do nosso ser; no entanto, algo sempre permanece em nós, seja pela forma de ligação entre o passado e o presente, seja pela afirmação de um projeto, como simples testemunho de memória ou de ações nesse sentido. Os outros também confirmam nossa identidade, por mais que em momentos de reflexão essa identidade pareça frágil e duvidosa. Tudo o que resta dá-nos uma identidade mais ou menos definida. Acreditamos que somos os mesmos de um passado próximo ou distante, ainda que reconheçamos mudanças significativas nas mais diversas esferas de nossas vidas.

Precisamos enfatizar que a identidade pessoal nunca é algo fechado e irrefutável; ela está em questão contínua. Esse questionamento vem não apenas pelas mudanças que estão ocorrendo no aspecto biológico e no social, mas principalmente porque o existir humano não é autocoincidente: está em perpétua distância de si mesmo e em questão.

3. Isso significa que a identidade como o mesmo na estrutura da pessoa é um tanto problemática, tanto porque há mudanças previsíveis - aquelas de origem biológica - quanto imprevisíveis, geradas pelas transformações das diversas situações que são vividas. Estamos, portanto, em perpétuo questionamento de nós mesmos, o que significa nos distanciarmos de nós mesmos para melhor enxergar o que está acontecendo tanto em nosso meio quanto no que é mais próprio de nós mesmos.

Distinguimos entre o núcleo da identidade pessoal e a identidade referencial. Os referenciais são mais mutáveis e externos, mas por isso são menos importantes, principalmente para o julgamento social. A idade é um fator de mudança, pois estamos continuamente mudando com o passar dos anos. A temporalidade,

característica distintiva do ser humano, afeta-nos intrinsecamente. Os referenciais nos afetam de outras maneiras. O mesmo acontece com nosso estado civil (casado, solteiro, divorciado) para muitos o sobrenome pode parecer secundário, mas em certos países esse é um referencial de categoria social que já qualifica a pessoa. O núcleo da identidade é intrínseco e inalienável; está presente em nós de modo inocultável, permanente, variável até certo ponto. O corpo, o gênero sexual, a história pessoal, as crenças que norteiam a vida e os sentimentos que nos ligam e amarram fazem parte desse núcleo básico. O núcleo nos afeta e muitas vezes parece intransponível, para o bem ou para o mal. Verei em primeiro lugar o corpo e a corporalidade.

Vejamos em primeiro lugar o corpo e a corporalidade.

O corpo

O corpo é inteiramente psíquico.” (J.P. Sartre)

Sei muito bem que os outros me identificam por meu corpo. Eu gostaria que não fosse assim, que me identificassem por outras características, mas o que posso fazer se eu sou esse bicho pouco gracioso que às vezes encontro no fundo do espelho? Sou essa mulher gorda, rechonchuda, de pernas curtas, de olhos suplicantes, de nariz algo chato e de boca como uma ferida fina atravessando um rosto de ratinho assustado. Foi o que você me falou: Você, Rosalva, não é feia, apenas tem uma cara de ratinho assustado. Não foi um elogio para exaltar meu ego, mas havia um leve carinho em sua comparação. É preferível ser um ratinho para alguém, que um mero gato no telhado. Foi o que pensei naquele dia. (Max Nolden: a carta)

Num primeiro contacto com uma pessoa, a primeira coisa que nos impressiona é a sua aparência física. É perfeitamente compreensível que seja assim. O corpo nos fornece alguns dados relevantes impressos no corpo: sexo, raça, idade aproximada, grau de normalidade corporal e alguns indícios de autocuidado – manifestados na vestimenta, na maquiagem, na linguagem (dicção), no olhar, nos gestos.

O corpo nos define em alto grau, pois somos constituídos, estruturados e programados em apreciável medida pelo corpo; contudo, mesmo assim, é o que está mais distante de nós. O mais distante na ordem da percepção e da consciência permanece como mero pano de fundo; vemos com os olhos, mas não vemos os olhos; respiramos e renovamos a vida a cada momento, mas não prestamos atenção a esse fenômeno. As funções dos 10 principais sistemas biológicos que organizam o funcionamento do organismo operam no silêncio dos órgãos. Este silêncio é alterado apenas se houver alguma alteração sintomática ou se as necessidades naturais não forem atendidas de acordo com orientações pessoais constantes. No entanto, e não obstante, o corpo é para nós tanto o organizador do espaço e das suas dimensões como o instrumento por excelência da práxis, das atividades. Mais ou menos automaticamente, usamos os poderes do corpo.

Ao lado da linguagem, código coletivo-social, o corpo é um dos primeiros núcleos de identidade pessoal. Desde o momento do nascimento, os outros, e principalmente nossos pais, nos concedem três aspectos de identidade, todos baseados no corpo, que nos marcam para sempre.

Primeiro, eles verificam nossa identidade de gênero: somos homens ou mulheres. Em segundo lugar, querem saber se estamos normais em nossa constituição física, querem saber se tudo está em seu devido lugar, na proporção correta. Eles gostariam de saber se essa normalidade também ocorre no nível mental, uma verificação que nem sempre é possível. Em terceiro lugar, verificam se correspondemos ao tipo racial dos pais. Sexo, normalidade (ou anormalidade) da aparência física, raça, são referências que nos identificam desde o início. Esta é a identidade derivada do julgamento social.

Antes de enfatizar a importância do corpo como núcleo de identidade pessoal, é pertinente indicar suas características ontológicas básicas. Vejamos:

a) Por causa do corpo, o ser humano é também uma entidade natural, situada na escala animal, sujeita aos determinismos biológicos de cada espécie e condicionada por processos orgânicos peculiares.

- Somos entidades naturais e entidades culturais:

- Esta dualidade parece originar a cisão originária do ser humano, a sua oscilação intransponível entre a sua animalidade e a sua realidade propriamente humana;

- Entendemos o espírito pela capacidade que temos de criar valores de sentido e valores materiais e ideais. A materialidade do corpo torna-se uma das fontes da primazia do material-econômico na grande maioria dos seres humanos com toda as consequências no sistema social, seja ele qual for.

b) Temos, somos e fazemos do corpo o instrumento privilegiado da práxis – de todas as formas de atividade. No entanto, essas três características são contraditórias:

- Somos um corpo, mas também somos muito mais, porque também somos existência, ou seja, pura transcendência, um ser sempre além de si mesmo.

- Temos um corpo, mas não como temos uma casa ou as roupas que vestimos: o corpo também nos possui, impondo-nos até a sua própria lei. Ter, como possuir algo, implica também ser possuído por aquilo que se tem. Tendemos a nos identificar com o que temos, a ponto de nos definirmos pelo que temos. Este é o grande risco que vem com ter. Ela nos possui a tal ponto que nos tornamos prisioneiros do que temos ou pretendemos ter.

- Somos um corpo, mas também somos muito mais, porque também somos existência, ou seja, pura transcendência, um ser sempre além de si mesmo. Somos

o buraco sempre futuro, tão bem destacado por Paul *Valéry*. Somos corpos em duplo sentido: somos corpos porque não conhecemos uma forma de existência que prescindia dele e somos corpo porque primeiro há a vida, um fenômeno orgânico, e depois a existência – vida e existência são fenômenos diferentes.

- A vida é algo biológico, a existência tem um caráter ontológico.

- Pensamos, agimos e fazemos a nossa vida graças ao corpo que utilizamos como instrumento privilegiado de todas as atividades; é o protótipo de todos os outros instrumentos inventados pelo homem; mas o corpo também nos faz na medida em que impõe suas necessidades, suas programações e determinismos orgânicos, genéticos, seus processos fisiológicos e maturacionais, seu quantum energético. Nossos pensamentos, ensinou Nietzsche, são meros reflexos de nossos humores e dos estados corporais que condicionam nossa mente.

c) O corpo nunca é mero objeto do mundo para o sujeito que o vive; nem mesmo é experimentado como algo inteiramente natural. O corpo vivido é inteiramente subjetivo, isto é, experimentado pelo sujeito de uma certa maneira, significado tanto em sua aparência quanto em sua fisiologia; as funções naturais do corpo são todas normalizadas por normas sociais. As cinco necessidades biológicas básicas – comer, dormir, copular, defecar, habitar um espaço seguro – passam pela norma social e são atendidas de acordo com essas normas. Vale lembrar aqui a tese sartriana: O corpo é inteiramente psíquico. É também considerável a tese heideggeriana de que o somático é mensurável, mas o psíquico é apenas experienciado pelo sujeito. Afirma que a angústia, o medo, a tristeza não se medem. São qualidades e não quantidades. Um pouco triste não indica uma pequena quantidade de tristeza, mas sim um modo, uma qualidade de sintonia. Eles são apenas temáticos.

d) Conforme as diferentes fases da vida vivenciamos o corpo de forma marcadamente diferente. Vejamos algumas sequências previsíveis à medida que vamos da primeira à última estação. A energia, a mobilidade e a disposição vital, a capacidade sensório-perceptiva e a sensação espontânea de prazer diminuem com o passar das estações. Na velhice, esses quatro fatores são notoriamente baixos. Depois dos 60, todas essas disposições influenciam o estado de espírito, a visão da vida e a atitude diante de novos desafios. É verdade que já existem remédios e técnicas que mitigam parcialmente essas perdas, mas só até certo ponto. Essas mudanças corporais se refletem no psicológico e nas formas de se relacionar com o mundo. O sentido lúdico e mágico da infância se expressa na extraordinária mobilidade e flexibilidade corporal da criança, na espontaneidade de todas as suas expressões na adolescência e na juventude. surge a inquietação decorrente tanto do despertar hormonal quanto da aceleração do crescimento. Na idade adulta, a partir dos 30 anos, as obrigações impostas por essa famosa idade da razão prática se refletem no

aparecimento de peso, menor capacidade de reação cinética e tendência ao ganho de peso. Também não preciso destacar o que acontece na velhice, em que todos os processos biológicos sofrem desgaste, fadiga e perda de energia.

DISTÚRBIOS PSICOSSOMÁTICOS

Colocados estes postulados básicos da corporalidade, vejamos a questão da identidade em seu duplo aspecto: confirmação e perturbação de si.

Todos os bens e todos os males do homem se manifestam no corpo. O corpo é o centro de toda as ânsias que alegam e exaltam a vida, mas também a atormentam se as ânsias forem exacerbadas ou não for possível atendê-las na devida medida.

A satisfação das necessidades é uma das maiores fontes de prazer. Um desses prazeres mais procurados é o prazer erótico, que está além das exigências da multiplicação da espécie; Visa sobretudo multiplicar a alegria de viver.

No entanto, e não obstante, alguns dos maiores males que afligem o homem surgem do corpo; são males que chegam a questionar aspectos de sua normalidade, seja como for que se entenda esse conceito. Eles o negam em suas aptidões ou em suas habilidades naturais. Vou apenas mencionar as anomalias que geralmente o afetam. Vejamos:

- Ainda ao nível da sexualidade surgem as chamadas aberrações sexuais, que ao mesmo tempo que implicam prazer, geram conflitos porque são repudiadas por padrões socioculturais e implicam uma quebra do padrão sexual normal. Os desvios sexuais condenam muitas pessoas a uma vida conturbada tanta pela desaprovação social quanto pela violação do padrão de conduta dominante. É o que ocorre com o sadomasoquismo, o exibicionismo, o voyerismo e até com a homossexualidade, ainda discriminada apesar dos esforços do poder gay para legitimar sua prática. Some-se a tudo isso as deficiências no desempenho sexual, bastante preocupantes nos homens: impotência, ejaculação precoce, inapetência sexual bastante comuns na velhice. Frigidez, anorgasmia, dispareunia etc.

- Doenças que nos podem limitar em uma determinada área, como levar à incapacidade e ao sofrimento crônico.

- Ocorrem deficiências físicas em toda as áreas; dependendo do grau de deficiência, podem muito bem implicar em grave incompetência setorial; cegueira, surdez, mudez, insensibilidade à dor etc.

- A preocupação com a imagem corporal pode gerar complexos e distúrbios psicológicos seja porque a figura física não corresponde aos padrões dominantes, seja porque apresenta traços desfavoráveis na avaliação do sujeito. Dois distúrbios relacionados à imagem corporal e distúrbios psicológicos são frequentes: anorexia e bulimia.

Logo que nascemos, começa o processo de autoidentidade, primeiro estamos submersos no mundo; não distinguimos um eu separado do que existe, fora de nós. Começamos a sentir que existimos como seres separados do mundo externo à medida que nos tornamos conscientes de nossos corpos. Movimento, percepção sensorial, necessidades biofísicas, contato corporal com pessoas e coisas, resistência física, linguagem – tudo isso contribui para essa consciência. É bem conhecido como a criança reage à sua imagem refletida no espelho: é como se pela primeira vez ela percebesse a si mesma como outra, como outra vista de fora. É uma pena não nos lembrar dessa experiência extraordinária. Primeiro veja outro que está te observando, repita seus gestos e fique fora do alcance. E então descobrir que esse outro é você mesmo. É como a história de Narciso, com um resultado diferente – uma mistura de encanto, estranheza, medo. Mas são os outros que vão moldando a identidade da criança: aqueles que lhe dão atenção, satisfazem suas necessidades; a mãe, principalmente. Ela permite que essa criatura sinta seu corpo, seja pelos toques contínuos, seja pelo contato corpo a corpo que mantém com ela. Junto com o contato físico está a linguagem contínua: aquelas vozes que preenchem o espaço, que indicam a presença de algo, que depois revelam aspectos do mundo, que nomeiam o que está ali. É aquele mundo das percepções sensoriais, tão importante para todos nós durante a infância; e ao longo da vida em menor grau.

Lembramos pouco da nossa infância. Podemos apontar alguns episódios que de alguma forma nos dão pistas de como influenciaram nosso caráter e as crenças que nortearam aspectos significativos de nossas vidas. Podemos também indicar o clima dominante existente em nossa família e nas demais instituições que frequentamos – escola, religião, principalmente. Somente a partir da adolescência começamos a entender o que está acontecendo em nosso meio, o que nos permite avaliar melhor nossa posição socioeconômica, nossa figura física e a de nossos familiares. Começamos a entender que temos uma série de objetivos a serem alcançados e podemos apreciar em parte os meios de que dispomos para alcançá-los.

O que observamos é que nos reconhecemos como protagonistas de determinados episódios localizados em determinados contextos e temos algum conhecimento do que julgamos ser o importante em nossas vidas. Esse conhecimento nem sempre é algo claro e preciso, nem implica uma compreensão de como ocorreram esses episódios. Também somos capazes de reconhecer a influência dos personagens que participaram de nossas encenações e os sentimentos que alguns deles nos provocaram e ainda provocam. Podemos perceber algo semelhante em relação às instituições e organizações que fizeram parte da nossa formação, a escola, a igreja, a oficina, o escritório. Os grupos de inserção são outro fator de formação social nas diferentes fases da vida. Afonso X me diz:

Nem no ensino fundamental nem no ensino médio pertenci a algum grupo. Na Universidade tentei participar de um grupo político; nunca me senti realmente integrado naquele grupo; eu era mais um espectador do que um ator. Até agora, aos 40 anos, não me identifico com nenhum grupo; apenas tenho uma certa simpatia pelos humildes, pela massa assalariada, pelos pobres. É o que aprendi com a religião e, creio, por ter sofrido períodos de severa privação.

É sabido o quão importante é o processo de socialização em nossa vida, especialmente aquele que ocorre no âmbito familiar. É verdade que esse processo ocorre ao longo da vida, mas é especialmente marcante durante a infância e a adolescência, que são os períodos mais sensíveis do desenvolvimento humano. Podemos afirmar que em apreciável medida somos frutos destes dois períodos, pelo menos nas linhas gerais do nosso carácter e na gênese do nosso projeto de vida. A socialização fraca e descuidada, sem a orientação segura e firme dos pais, produz traços de carácter geralmente indesejáveis (falta de controle de impulsos, falta de senso de disciplina e propósito etc.). Pelo contrário, uma socialização muito rígida, altamente normativa e punitiva, sem o complemento de afeto parental suficiente, tende a gerar traços de insegurança, rigidez, falta de espontaneidade, autocontrole excessivo. Podemos afirmar que a anomia dominante nos setores mais pobres da população assalariada gera o alto percentual de comportamentos antissociais que se registram nesses setores. A desintegração do núcleo familiar ou seu alto conflito geram nas crianças experiências extremas que as tornam propensas a todo tipo de desvios sociais. Essa anomia é agravada pela mídia que mostra a eles padrões de vida nas classes médias inatingíveis por eles em sua condição de setores altamente explorados ou desamparados.

Ao longo da nossa história vamos modelando a nossa identidade e as identificações que estabelecemos com os outros e os fenómenos reais e simbólicos que se impõem no nosso meio. Já destaquei os períodos em que as identificações são mais indeléveis e persistentes: a infância e a adolescência compõem boa parte daquilo que nos dá seu selo de solidariedade e envolvimento com o que acreditamos ser. Através dos afetos nos identificamos com entes queridos que confirmam nosso jeito de ser, e nos contraidentificamos com símbolos e pessoas que de diversas formas nos rejeitam, maltratam e desprezam. Há experiências marcadas de tal forma que geram todo um padrão de comportamento, seja um traço de carácter ou uma tendência sintomática. Estou certo de que a maioria das formas de atração erótica, seja normal ou sintomática, encontra sua origem em experiências iniciais. Na história de 70% dos casos de padrão homossexual, o início das práticas sexuais é registrado já na infância, a partir dos 8 anos, e início da adolescência. Tampouco preciso insistir que a identidade nesse plano marca o sujeito para a vida toda. Nem é preciso que as vivências sejam inusitadas, basta que sejam atuais e comuns, formando o clima existencial do sujeito. É o que acontece no ambiente familiar.

Existem períodos-chave na constituição da identidade. Eu diria que em todas as fases do trânsito entre uma etapa e outra ocorrem crises de identidade. É o que vemos na fase adolescente que requer uma passagem definitiva entre o mundo infantil e os primeiros passos para a formação geral da personalidade. É um período de incertezas e desafios, de tentações e tempestades. As mudanças ocorrem em todos os níveis, a própria entrada na fase juvenil, a partir dos 20 anos, com todas as pressões para assumir responsabilidades decisivas no sentido da autonomia e entrada no mundo do trabalho. A entrada na maioridade oficialmente com a assunção das três tarefas que lhe são impostas: casamento, constituição de família, planejamento econômico para garantir a estabilidade material do grupo. Após o sexto período de sete anos, começando aos 42 anos, acredito que uma psicoterapia do desenvolvimento requer um exame cuidadoso do percurso biográfico da pessoa. Em outro escrito propus os aspectos relevantes a serem examinados (Romero, 1998-2013). Apenas indico nesta ocasião alguns pontos essenciais a serem considerados.

EXAME DO CONTEXTO E DA SITUAÇÃO NOS VÁRIOS PERÍODOS DA DISCIPLINA

- Períodos e etapas do percurso vital, que nem sempre coincidem com as fases clássicas do desenvolvimento (infância, adolescência etc.): há períodos claramente discerníveis pelo clima dominante que impõem a nossa vida ou por alguns fatores que marcam nossas crenças, ideias e ideais. Há períodos que ficaram na bruma, quase nada nos dando pistas do que éramos então.

- Fatos, eventos e climas significativos.

Há eventos cruciais, traumáticos e inaugurais. Algumas são cruciais porque nos revelaram aspectos do mundo ou a natureza de uma relação sem que pudéssemos apreender seu significado naquele momento – traumático, inaugural. Outras são traumáticas porque nos deixam núcleos coagulados, verdadeiros complexos que nos impedem de avaliar as coisas em sua devida dimensão. Outros são eventos inaugurais porque inauguram uma nova etapa, uma nova visão de vida, uma mudança de atitudes, crenças e valores.

- Cenários e personagens – Figuras e modelos que nos marcaram com a sua presença, negativa ou positiva.

- Linhas temáticas, que caracterizam as vivências dominantes em determinados períodos. Uma das tragédias humanas é perder sua história, ou romper com ela devido a algum incidente que envolva um corte brutal. Perdemos a nossa história pessoal devido a uma amnésia retrógrada que não nos permite recuperar o passado nem estabelecer a gênese do nosso presente. Perdemos a continuidade de nossa história quando somos impelidos a uma mudança brusca e brutal; somos

forçados a emigrar para outro país perseguidos por algum fator racial, político ou religioso. A língua, o contexto familiar, o trabalho, o círculo de amigos, o clima humano e físico: tudo nos é tirado. Quase não guardamos as figuras da ausência – as memórias, a nostalgia, a estrutura da língua materna, que tende a emergir ao menor descuido se fosse preciso usar uma nova língua. O choque cultural do país de origem para outros padrões diferentes deixa o indivíduo bastante vulnerável, principalmente se essa mudança tiver implicado afastamento do círculo familiar.

- Existem períodos-chave na constituição da identidade; diria que em todas as fases do trânsito entre uma etapa e outra ocorrem crises de identidade. É o que vemos na fase adolescente que requer uma passagem definitiva entre o mundo infantil e os primeiros passos para a formação geral da personalidade. É um período de incertezas e desafios, de tentações e tempestades. As mudanças ocorrem em todos os níveis; A própria entrada na fase juvenil, a partir dos 20 anos, com todas as pressões para assumir responsabilidades decisivas no sentido da autonomia e entrada no mundo do trabalho. A entrada na maioridade oficialmente com a assunção das três tarefas que lhe são impostas; casamento, constituição de família, planejamento econômico para garantir a estabilidade material do grupo. Após o sexto período de sete anos, começando aos 42 anos.

OS SENTIMENTOS

Há uma notória confusão em relação aos afetos; uma das minhas tarefas como psicólogo tem sido propor uma classificação dos afetos de acordo com critérios fenomenológicos e abrangentes. Quatro grandes modalidades afetivas são claramente distinguíveis: emoções, sentimentos, humores e paixões. A confusão é tanta que até os psicólogos usam as emoções e os sentimentos de forma intercambiável, como se fossem sinônimos. A seguir, indico algumas características diferenciais entre essas duas modalidades.

A partir de agora enfatizo que todos os processos de identificação, positivos e negativos, envolvem fatores afetivos, em particular sentimentos que os despertam, alimentam e consolidam. Se há algo de original e primordial na estrutura da existência e na dinâmica dos processos psicológicos, são precisamente os afetos. Essa primordialidade dos afetos é compreensível porque em toda relação homem-mundo somos afetados por essa relação, seja de forma sutil ou altamente perturbadora.

1. Os sentimentos estabelecem vínculos positivos ou negativos com relação a determinados objetos, inclusive o próprio sujeito, pois existem sentimentos relacionados a ele mesmo. Culpa, vaidade, vergonha e outros indicam formas de se posicionar. Orgulho, ou culpa, é experimentado por certas ações que honram ou

depreciam. Amar ou odiar implicam formas de se relacionar que definem de certa forma seus protagonistas.

O ódio à arbitrariedade e ao abuso do poder econômico leva o sujeito a se identificar com quem sofre esses abusos, colocando-se do lado oposto dos dominadores. Admirar um ídolo popular por suas performances esportivas não é o mesmo que admirar um cientista por suas pesquisas. Essas duas formas de identificação traduzem modos muito diferentes de relação homem-mundo.

2. O que constatamos é que os sentimentos nos ligam a determinados objetos e pessoas e nesse vínculo nos dão um certo suporte existencial, mesmo quando são negativos (há indivíduos que fazem do ódio todo um projeto de vida). Sentir-se brasileiro é ter um vínculo de afeto com o que entendemos representar o Brasil, é reconhecer uma forma de identidade com este país.

Experimentar o chamado sentimento de inferioridade é vivenciar e se ver com uma desvantagem que coloca o sujeito em uma posição desvantajosa em relação aos outros. Sentir-se inferior é atribuir características que colocam o sujeito em desvantagem, características que na crença do agente são parte constitutiva de sua pessoa.

Sinto-me para baixo – diz-me um cliente – não pela minha origem social. Eu sou mesmo de uma boa família. O que me diminui é minha aparência pessoal. Você sabe, já discutimos aqui o que está acontecendo comigo. É aquela história que eu curto; magro como um cachorro vadio e ainda com essa cara nada atraente; até minha mãe me acha feia; e pior ainda é aquela outra deficiência anatômica que não quero nem falar agora.

(Ele é um micropênis, o que para alguns homens já é motivo de complexo). Essa pessoa se sente assim e se julga de acordo. Nem seu status socioeconômico nem um casamento razoável diminuíram sua consciência de que a natureza era muito injusta com ele. É óbvio que esse sentimento complexo tem toda uma história, que a simples referência ao julgamento da mãe já nos dá uma pista.

3. Advirto que as emoções não devem ser confundidas com sentimentos. As emoções são simples reações a determinados acontecimentos ou a uma situação-estímulo que se apodera do sujeito, envolvendo-o de forma mais ou menos temporária. Sentimentos são laços que adquirem nuance emocional somente quando são tocados por algum estímulo que perturba sua função de fio condutor. Se um sujeito faz um comentário humilhante em relação ao pai, isso atinge seu sentimento filial, levando-o a uma relação raivosa. No entanto, o grau de emocionalidade da pessoa também contribui como fator de identidade pessoal. Em tese, quanto maior o grau de permeabilidade aos estímulos-acontecimentos (que é o que define a emoção), mais forte é o impacto que os acontecimentos e as coisas causam na pessoa,

marcando assim de forma mais persistente sua influência modeladora. Lembremos de que a criança é altamente emocional, sendo o período infantil o mais sensível para modelar o caráter e a experiência.

Pessoas menos permeáveis aos estímulos situacionais, menos emocionais, tendem a ter uma identidade menos duradoura e menos marcada com as pessoas e objetos que compõem seu mundo pessoal. Isso não significa que pessoas menos emocionais tenham uma identidade central menos firme e consistente; apenas alguns referenciais identitários podem ser menos firmes (como amizades, família, pátria, coisas). Há núcleos de identidade mais firmes que os referenciais externos. Uma pessoa que tem um forte sentimento de valor e poder pessoal, além de sustentar crenças positivas, apresenta um núcleo muito mais consistente e seguro do que outra em que esses três fatores são menos firmes.

4. Os sentimentos permeiam as crenças individuais e coletivas. As ideias são abstrações necessárias, ajudam-nos na nossa tentativa de explicar os factos, os acontecimentos. As crenças são outra coisa: elas nos sustentam, nos conectam com alguns aspectos do mundo, confirmam nossa existência.

Um amigo me escreve:

Revendo as páginas do calendário, olhando o passado um tanto distante, contando tudo o que ficou nas muitas curvas da estrada, não ficaram só alguns rostos amigos e as paisagens que incitaram minha imaginação; Acima de tudo, ficaram algumas crenças que então deram sentido à minha vida e colocaram aquele ar de belas promessas nas coisas que inspiraram essas crenças.

Hoje, todas essas crenças me parecem os sonhos de um jovem ainda um tanto ingênuo, apesar de todas as suas críticas. Acreditei na missão salvífica do Nazareno, no seu sacrifício redentor: esta crença perdeu o sentido, assim que estudei o papel das religiões na história. Eu acreditava no socialismo que acabaria com as horrendas injustiças sociais, a exploração do homem pelo homem, e o socialismo afundou como um castelo de areia.

Eu acreditava que a amizade era o caminho da verdadeira fraternidade entre as pessoas; algumas decepções me mostraram que ela também sofre com as oscilações do mercado e caprichos humanos. Achei que a verdade sempre acabava prevalecendo, mas a experiência acabou me mostrando que a verdade raramente prevalece sobre a aparência, a falsidade e a impostura.

Acreditei que o futuro abriria as portas para um olhar sereno, morada tranquila de uma vida conciliada com a morte, mas descubro que essa reconciliação ainda está longe. No entanto, ainda mantenho algumas crenças: acho que é preciso sempre resistir à impostura e à desonestidade. Acredito que a luta é a parte saudável do espírito e que sem luta nada se consegue. Acredito que a solidariedade, a compaixão e a simpatia pelo próximo é a melhor forma de entendimento entre os seres humanos.”

Para uma abordagem mais ampla e rigorosa do tema da afetividade, recomendo dois de meus livros (1998 e 2001) indicados na bibliografia.

AS QUALIFICAÇÕES DO PAPEL E STATUS

Somos seres sociais; agimos e nos comportamos em um determinado ambiente socioeconômico e em uma determinada cultura.

1. Nosso desempenho no nível interpessoal está em conformidade com certos padrões impostos pelo ambiente, exigidos como pertinentes para um desempenho adequado em nossa situação: a forma esperada de desempenho corresponde aos papéis ou funções. As funções podem ser altamente padronizadas ou relativamente flexíveis. Em todo caso, eles exigem de nós um comportamento que esteja de acordo com um determinado padrão. Afirma-se com razão que não somos apenas agentes da ação, mas também atores, pois precisamos assumir os papéis correspondentes ao nosso desempenho, não importa se os papéis foram impostos com relutância ou se os assumimos como parte de nosso projeto de vida. Os papéis bem assumidos correspondem a uma consciência de identidade com o que fazemos, ou simplesmente nos qualifica como ator de determinada relação social. Assumir o papel de esposa, patrão ou trabalhador implica que a pessoa está bem ajustada nessa faixa. Todos os papéis que desempenhamos na vida, e sempre desempenhamos mais de um no mesmo período, recebem uma qualificação social. Uma espécie de nota avaliativa.

2. As qualificações de status referem-se aos vários papéis que as pessoas desempenham no contexto social. Dois tipos são distinguidos: status prescrito e adquirido; as primeiras são prescritas pela condição biológica: mulher-homem, as etapas evolutivas (infância, adolescência, etc.). Estas últimas decorrem de papéis sociais e funções econômicas: casado-solteiro, patrão-empregado, professor-aluno, marido-mulher etc. 3. Os psicólogos sociais definem o papel em relação ao status e vice-versa. Tanto um quanto outro geram expectativas, que se espera que sejam atendidas. Numa relação social, a pessoa que desempenha um papel espera que os outros assumam um comportamento que corresponda ao seu papel. O professor espera que os alunos se comportem de acordo com seu papel como alunos. E os alunos esperam que o professor assuma sua atuação de acordo com sua condição de professor.

3. Os psicólogos sociais definem o papel em relação ao status e vice-versa. Tanto um quanto outro geram expectativas, que se espera que sejam atendidas. Numa relação social, a pessoa que desempenha um papel espera que os outros assumam um comportamento que corresponda ao seu papel. O professor espera que os alunos se comportem de acordo com seu papel como alunos. E os alunos esperam que o professor assuma sua atuação de acordo com sua condição de professor.

4. De alguma forma, todos nós nos identificamos com nosso status. A não aceitação do status, e do papel correspondente, geralmente gera ou tem origem em algum tipo de conflito. A não aceitação da condição (e do papel) de casada reflete-

se no desacordo conjugal. É comum um indivíduo se casar, mas depois fica claro que ele não pode aceitar sua nova condição, que impõe comportamentos e ações diferentes em alguns aspectos de seu estado anterior de solteiro. O homem ainda quer manter seu círculo de amigos com quem se encontraria no bar da esquina ou na boate, sem se preocupar com o relógio; A mulher espera que ele ajude nas tarefas domésticas, mas ele recusa, pois até então sua mãe fazia esse trabalho em casa sem nunca ter pedido ajuda. Ainda não faz parte de sua identidade masculina atender aos trabalhos de limpeza em casa. A mulher pode ter dificuldades semelhantes ou em outras áreas. Seja por vaidade feminina ou porque gosta de ter admiradores de reserva para oportunidades futuras, ela pode não ter desistido do hábito de conversar mais aberta e efusivamente com os colegas de trabalho, recusando-se agora a ter comportamentos mais recatados dessa forma de contatos; esse comportamento certamente causa desconforto e ciúme em seu marido. Num outro nível, existem pessoas que não conseguem assumir a liderança devido à sua incapacidade de se afirmarem como superiores hierárquicos.

5. Em geral, os status socialmente desvalorizados tendem a ser mal aceitos por aqueles que neles se enquadram. É o que ocorre com o status inerente à velhice – uma idade que não é valorizada na sociedade tecnológica. Basta entrar nessa categoria para que a pessoa seja colocada na prateleira do obsoleto. A situação piora ainda mais se, além de velho, a pessoa for pobre; neste caso, mesmo no hospício, o indivíduo é desprezado. Marginalizado e desvalorizado pelos outros, sem possibilidades na maioria das esferas, o velho dificilmente escapa da depressão. Pouco aceito por seus contemporâneos mais jovens, sem presente estimulante e sem promessa de futuro, o velho acaba refugiando-se no passado. Mesmo sendo rico, ele é assaltado pela desconfiança: os herdeiros estão ansiosos para receber sua parte, por mais ocultas que sejam suas intenções.

6. Existe uma hierarquia de status que qualifica cada profissão com um número que a coloca na escala de valores sociais; É uma escala que vai de 100 a 10. Ministro de Estado, médicos e altos funcionários do Ministério da Justiça (juizes) ocupam os primeiros escalões. Operadores sem qualificação profissional (catadores de lixo, auxiliares, porteiros) tendem a receber as piores notas.

7. Papéis e status são os mais saturados pelo fator ideologia, fator que permeia todo o campo social, explicitamente nas normas e leis e de forma mais oculta nas crenças e valores dominantes, nos preconceitos e mitos. É característico desse fator apresentar-se como se seus quatro componentes “manifestassem a ordem natural das coisas”. As expressões do que um grupo, ou uma cultura, entende por bem e mal, bem e mal, são reflexos desse fator que satura a atmosfera espiritual de um povo ou grupo complexo.

4. A MODO DE SÍNTESE

A questão da identidade e da mudança, do que permanece em um processo evolutivo e do que se extingue, a conexão entre o que persiste apesar de todas as transformações individuais e sociais é uma questão problemática que requer a colaboração de diferentes disciplinas; filosofia, psicologia, ciências sociais, linguística, são os mais interessados.

Linguisticamente, impõe-se toda uma visão de mundo que o indivíduo absorve sem sequer perceber até que ponto é modelada pelas características de sua língua materna. Já a pronúncia regional (sotaque) de uma língua nos oferece pistas sobre as pessoas; desnecessário dizer sobre os outros aspectos mais complexos de uma linguagem, como o uso de gêneros, artigos e proposições e prosódia, eles tornam o uso de uma linguagem muito complexo. Pense nos gêneros do alemão e na ausência de gênero em inglês.

As outras quatro vias de acesso a esse tema nem sempre são claras para quem o aborda. A maioria dos autores entende o corpo, o status e os papéis, juntamente com a história, como suficientes para esclarecer a identidade pessoal ou grupal. Que eu saiba, não há autores que destaquem os sentimentos como a estrada real da identidade pessoal. Esta omissão deve-se ao facto de a maioria dos psicólogos ainda não saberem distinguir o que é mais típico dos sentimentos, tendem a confundilos com as emoções: o que é mais típico é o seu carácter vinculativo, positivo ou negativo. Sem o sentimento de nacionalidade, de pertencer a uma nação entendida como própria, não há identidade nacional ou ela é muito difusa. O mesmo se busca estimular em relação ao emprego: as organizações exigem comprovação de identidade com a firma, com a empresa. Nós, os funcionários da Embraer, ou o sindicato da saúde. A identidade familiar ou com uma religião é típica do processo de socialização da criança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Guareschi, Pedrinho(org.). **Textos em representações sociais**. Petropolis: Vozes, 1994.

Lersch, Phillip. **La estructura de la personalidad**. Madrid: Ed. Scientia, 1964.

Romero, Emilio. **El encuentro de si en la trama del mundo – Personalidad, subjetividad, singularidad**. Santiago: Norte-sur, 2006.

Romero, Emilio. **Las Dimensiones de la vida Humana –Experiencia y existencia**. Santiago: Norte-sur, 1998-2013.